

Bresser quer condicionar pagamento

Washington — O Plano Baker "fracassou" e é preciso encontrar soluções para adequar o serviço da dívida externa à capacidade de pagamento dos países em desenvolvimento, disse ontem o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira. "Os fatos demonstram claramente que fracassou a estratégia seguida desde o início da crise da dívida externa", afirmou no segundo dia de debates da assembleia anual do Fundo Monetário Internacional do Banco Mundial.

Bresser Pereira falou em nome dos países latino-americanos perante a assembleia, que se encerra hoje. "Essa estratégia só evitou uma crise ainda maior no sistema financeiro internacional ao adiar perigosamente uma solução definitiva" do problema do endividamento externo, acrescentou.

Sacrifícios

"Para as nações em desenvolvimento, representou estagnação e inflação; para as industrializadas, a perda de exportações", disse Bresser Pereira. A estratégia "resultou enormes sacrifícios para nossa população, e crescentes prejuízos políticos para nossos governos, já que os resultados dessas políticas foram recessão, desemprego e quedas dramáticas nos níveis de vida", acrescentou.

"Os únicos beneficiados foram os bancos comerciais, ao reduzirem o risco de sua carteira de créditos aos países endividados", disse Bresser. "Mas mesmo para os bancos a situação já começou a se deteriorar, ao dar-se conta a comunidade financeira de que a estratégia da dívida fracassou, e conseqüentemente a capacidade de pagamento dos países devedores diminuiu, em vez de aumentar", afirmou o ministro, cujo país suspendeu em fevereiro os pagamentos de sua dívida aos bancos comerciais, num total de 75 bilhões de dólares.

O desafio atual, afirmou, é encontrar uma solução que "reconheça a necessidade de uma relação direta entre o serviço da dívida e a capacidade efetiva de pagamento de nossos países". "Há um crescente consenso sobre a necessidade e a viabilidade de novos enfoques do

problema da dívida", acrescentou.

Protecionismo

Bresser Pereira disse que as nações industriais devem reduzir seus "desequilíbrios estruturais, promover o crescimento e eliminar as barreiras protecionistas". O ponto central de sua proposta foi semelhante ao plano que apresentou aos bancos privados para renegociar a dívida brasileira.

Afirmando que são necessários prazos mais longos para o serviço, e que não se pode esperar que baixem as taxas de juros no mercado, Bresser Pereira disse que os países latino-americanos querem renegociar suas dívidas com "taxas de juros reais alinhadas com níveis históricos".

O ministro disse que também era necessário recorrer à conversão da dívida em capital e que a nova realidade do mercado secundário, onde a dívida é cotada abaixo do valor nominal, "abre o caminho para novos instrumentos, tais como mecanismos de recompra".

Bônus

Bresser Pereira propôs a conversão da dívida em bônus "ao par", juros fixos e a garantia de que não haverá reestruturação do principal nem pedidos de dinheiro novo para juros. "Esses bônus seriam subscritos em bases voluntárias, segundo a conveniência de cada banco", acrescentou.

"Se esses bônus recebessem garantias limitadas, mas efetivas, de agências governamentais ou bancos multilaterais, sua posição no mercado seria reforçada, e a solução a longo prazo da dívida logo seria realidade". Em vez de promover o ajuste com crescimento, o Plano Baker produziu um penoso ajuste com recessão e inflação.

Como se os sacrifícios do passado não fossem suficientes, a redução nas taxas de investimento, causada basicamente pelo crescimento das transferências reais, e a queda do fluxo de capital puseram em perigo o potencial de crescimento e, por conseguinte, a capacidade de pagamento do serviço da dívida, afirmou o ministro.

Moratória

"Não surpreende, portanto, que como conseqüência desses fatores

um número crescente de países latino-americanos tenha sido forçado a limitar ou suspender os pagamentos do serviço de sua dívida externa", salientou.

De fato, afirmou Bresser Pereira, o pagamento integral dos juros se mostrou incompatível com o crescimento continuado, o controle das finanças públicas e a estabilidade dos preços.

"Em outras palavras, e paradoxalmente, o serviço da dívida se tornou incompatível com o processo de ajuste que supostamente devia conduzir à solução do problema da dívida", declarou.

Segundo Bresser, isso se pode demonstrar por:

— A transferência de recursos reais necessários ao pagamento dos juros reduziu a taxa de investimento.

— Em muitos países latino-americanos a maior parte da dívida externa está nas mãos do setor público, cerca de 70 por cento no Brasil. Nesses casos, os pagamentos de juros requerem transferências internas do setor privado para o público, a fim de que o Governo possa adquirir do setor exportador as divisas necessárias para o serviço da dívida. Normalmente, essas transferências requerem créditos adicionais, elevando assim as taxas de juros e, conseqüentemente, o déficit público.

— As tentativas de expandir os superávits comerciais mediante sucessivas desvalorizações levou a uma concorrência predatória entre os países devedores, e a uma adicional deterioração dos termos do comércio, além de aumentos do déficit público e da inflação.

"Esses fatores certamente explicam porque, apesar de um enorme esforço de ajuste, os resultados foram abaixo das expectativas, e porque o retorno a um sistema de empréstimos voluntários está fora do alcance da maioria dos países devedores", disse Bresser Pereira.

O orador depois de Bresser foi o autor da atual estratégia da dívida, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, que a apresentou na assembleia anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial em Seul, Coreia do Sul, em 1985.